

Fecundidade nos Açores baixou nos últimos anos Já não se fazem filhos como antigamente

Na edição de Sexta-feira noticiámos o estudo do INE sobre o nível de fecundidade no país em 2019, em comparação com 2013. Hoje desenvolvemos o estudo, com resultados interessantes que incluem os Açores.

Em Portugal, entre 2013 e 2019 verificaram-se alterações nos padrões de fecundidade, que se refletem na evolução do número de filhos tidos, dos que as pessoas ainda tencionavam vir a ter, desejavam ou consideravam ideal numa família.

A análise comparada das fecundidades realizada, intencional e final esperada entre 2013 e 2019 revela diminuições, tanto em termos globais, como para as mulheres e os homens.

A fecundidade realizada em 2019 foi inferior a um filho (0,86), tal como a intencional (0,81), conduzindo a uma fecundidade final esperada de 1,69 filhos, abaixo do valor observado em 2013.

De notar também que, se em 2013, 35,3% das mulheres e 41,5% dos homens não tinham filhos, em 2019 essas proporções foram mais elevadas: 42,2% para mulheres e 53,9% para homens (Figura 2).

Acresce que em 2019, tal como já havia acontecido em 2013, não ter filhos era uma situação mais frequente do que ter um, dois ou três ou mais filhos, tanto para homens como para mulheres.

A percentagem de pessoas sem filhos aumentou quase 10 pontos percentuais (p.p.), enquanto a percentagem das que tinham um filho desceu quase 6 p.p. e a percentagem das que tinham dois ou mais filhos diminuiu cerca de 4 p.p..

Em 2019 quase metade dos inquiridos não tinham filhos, quase um quarto tinham um filho e perto de um terço tinham dois ou mais filhos.

Considerando apenas as pessoas que pensavam ter filhos no futuro, verifica-se que menos de metade referiram que pretendiam ter filhos nos próximos três anos.

A diferença mais relevante observase entre as mulheres, para as quais a proporção das que pretendiam ter filhos nos próximos três anos baixou de 49,0% para 43,0%.

O número ideal de filhos numa família e o número de filhos desejados pelas pessoas eram ambos superiores a dois, enquanto o total de filhos esperados ao longo da vida ficou aquém deste valor:

as mulheres esperavam ter 1,75 filhos e os homens 1,65.

Quase metade das mulheres e mais de metade dos homens não tinham filhos; mais de metade das mulheres e quase metade dos homens não tencionavam ter ou ter mais filhos.

Em 2019, 42,2% das mulheres e mais de metade dos homens (53,9%) não tinham filhos; mais de metade das mulheres (55,1%) e quase metade dos homens (47,3%) não tencionavam ter ou vir a ter filhos; e 9,7% das pessoas, (8,4% das mulheres e 11,0% dos homens) não tinham nem tencionavam ter filhos.

Em 2019, 93,4% das mulheres e 97,6% dos homens com idades dos 18 aos 29 anos não tinham filhos e mais de metade dos homens dos 30 aos 39 (54,6%) encontravam-se na mesma situação.

As mulheres e os homens que não tinham e disseram não tencionar vir a ter filhos referiram como principais motivos a vontade própria e o facto de a maternidade ou paternidade não fazerem parte do seu projecto de vida.

Como seria de esperar, o número médio de filhos que as pessoas esperavam vir a ter (fecundidade final esperada) era superior nas gerações mais novas (1,91 para mulheres dos 18 aos 29 anos; 1,88 para homens do mesmo grupo etário), o que decorre do maior número de filhos que estas pessoas tencionavam ter ou vir a ter: 1,84 e 1,86, respectivamente.

O número médio de filhos desejados variava pouco com a idade, sendo sempre ligeiramente superior aos 2 filhos.

Como tal, a diferença entre a fecundidade final esperada e a fecundidade desejada aumentava com a idade.

Para as pessoas que ainda não tinham filhos, verifica-se que as mulheres tencionavam vir a ter, em média, 1,57 filhos e os homens 1,45.

As gerações mais jovens eram aquelas que tencionavam ter, em média, mais filhos, sendo o número mais elevado observado para as mulheres dos 18 aos 29 anos (1,91 filhos).

Para quem já tinha filhos, eram os

Figura 1a. Fecundidade realizada, intencional e final esperada, mulheres, NUTS II, 2013 e 2019



Fonte: INE, Inquérito à Fecundidade 2013 e Inquérito à Fecundidade 2019

Em todas as regiões, o número médio de filhos que as mulheres esperavam ter foi inferior ao número médio de filhos desejados, e este foi inferior ao número médio ideal de filhos numa família, tendo este último indicador mantido sensivelmente os mesmos valores de 2013.

Relativamente a 2013, o número médio de filhos desejados foi menor em todas as regiões, com exceção da Região Autónoma da Madeira, onde se manteve sensivelmente inalterado.

O diferencial entre o número médio de filhos desejados e os que as mulheres esperavam ter foi maior na Área Metropolitana de Lisboa (2,31 e 1,77 filhos, respetivamente) e menor na Região Autónoma dos Açores (2,01 e 1,74 filhos).

Se em todas as regiões o número ideal de filhos numa família foi superior ao número médio de filhos desejados, esta diferença foi mais acentuada na Região Autónoma da Madeira (2,60 e 2,14 filhos, respetivamente) e menos acentuada na região do Algarve (2,34 e 2,14 filhos).

homens dos 18 aos 29 anos que tencionava ainda vir a ter mais filhos (1,54 filhos).

Quanto à intenção de ter filhos nos próximos três anos, apenas uma minoria de mulheres (21,4%) e homens (18,5%) mais jovens, dos 18 aos 29 anos, que tencionavam ter ou ter mais filhos, planeavam fazê-lo.

O inverso acontecia nas pessoas com idades dos 30 aos 39 anos: 86,5% das mulheres e 70,3% dos homens dos 30 aos 39 anos que tencionavam ter ou ter mais filhos, pensavam fazê-lo nos próximos 3 anos.

Por nível de escolaridade, observa-se que mulheres e homens menos escolarizados tinham um maior número de filhos (fecundidade realizada), 1,45 filhos, em média, para as mulheres e 0,98 para os homens, quando comparados com outros níveis de escolaridade.

Inversamente, a intenção de ter filhos no futuro era mais baixa entre mulheres e homens com menor escolaridade. Da conjugação destes dois resultados, os níveis de fecundidade final esperada não são muito diferentes entre níveis de escolaridade.

Fecundidade desejada por mais mulheres com menor nível de escolaridade

A fecundidade desejada era mais elevada para as mulheres com menor escolaridade (2,32) e para os homens com nível de escolaridade mais elevado (2,16).

As mulheres e os homens nascidos fora de Portugal, ou com pelo menos um dos pais nascido fora de Portugal (pessoas com background migratório), desejavam e esperavam vir a ter ao longo da vida um maior número de filhos do que pessoas nascidas em Portugal e com pais nascidos também em Portugal.

Eram os homens com background migratório quem desejava mais filhos (2,39 filhos) e as mulheres com background migratório quem esperava vir a ter mais filhos (1,84 filhos).

Quanto à fecundidade já realizada, não se encontram praticamente diferenças entre aqueles com background migratório e aqueles que não o têm.

As pessoas em situação de conjugalidade (formalizada ou não) tinham, em média, 1,19 filhos, no caso das mulheres, e 1,06, no dos homens, e desejavam 2,26 filhos, no caso das mulheres, e 2,27, no dos homens, valores mais elevados do que os observados para os que não tinham cônjuge ou companhia/o.

Se, para mulheres empregadas e desempregadas, os níveis de fecundidade eram idênticos, no caso dos homens a fecundidade realizada e final esperada era superior nos empregados (0,89 e 1,66, respetivamente), comparativamente aos desempregados (0,48 e 1,48, respetivamente).

Quem mais irmãos quer mais filhos

Figura 5. Fecundidade realizada, intencional e final esperada, por número de filhos, total, mulheres e homens, Portugal, 2019

